

UM OLHAR LITERÁRIO: EXÍLIO E DIÁSPORA A PARTIR DO ROMANCE O QUINZE

Daniel Rocha Da Silva¹

Resumo

Com a morte caminhando lado a lado, sob um sol soberano e impiedoso, milhares de retirantes viam-se diante da mesma situação: a seca, mas, “o sertanejo, é antes de tudo, um forte”. O romance O Quinze, de Rachel de Queiroz, aborda o processo de migração forçada pela grande seca que abalou o estado do Ceará em 1915. O presente artigo tem como intuito analisar as múltiplas conexões entre processo diaspórico, formas de exílio na literatura da seca, em específico no romance O Quinze. É importante ressaltar também, que essa investigação busca o aprofundamento nos processos de diáspora que culminou na migração de milhares de nordestinos rumo às grandes cidades, em busca de melhores condições de vida.

Palavras-Chave: Seca. Literatura. Exílio. Diáspora. Retirantes.

Abstract

With death walking side by side, under a sovereign and merciless sun, thousands of refugees found themselves facing the same situation: drought, but, “the sertanejo, is, above all, a strong man”. The novel O Quinze, by Rachel de Queiroz, addresses the process of forced migration due to the great drought that shook the state of Ceará in 1915. This article aims to analyze the multiple connections between the diasporic process, forms of exile in the literature of the drought, specifically in the novel O Quinze. It is also important to emphasize that this investigation seeks to deepen the processes of diaspora that culminated in the migration of thousands of northeasterners towards the big cities, in search of better living conditions.

keywords: Dry. Literature. Exile. diaspora. Withdrawals.

Introdução

As secas recorrentes no Nordeste brasileiro, que já ocorreram diversas vezes na história da região, acabam por deixar cicatrizes tão profundas, que integram parte da identidade cultural desse povo. A obra aqui trabalhada, tem como laços em comuns, a busca pelo entendimento e crítica, não pela a seca em si, pois essa é uma causa natural, condição à qual todos nós, nordestinos, estamos expostos. Mas sim, pelos processos que ela escancara a vista de todos, nesse caso em específico, os processos diaspóricos e as novas formas de exílios.

De modo superficial, podemos entender como seca, a deficiência por precipitação atmosférica, resultando em escassez hídrica e que, pode ter consequências tanto sociais como econômicas, além de afetar o ecossistema da região. Os problemas podem ser intensos ou moderados a depender da frequência e premência da(as) estiagem(ens). Tratando-nos aqui, de mais um longo período de estiagem, por se localizar dentro do chamado polígono da seca, a região Nordeste sofre, com frequência, dessa intermitência.

No entanto, Matos (2012, p. 3), compartilha uma ideia mais aprofundada no que concerne à problemática da seca, pois, segundo ele, “a própria seca não pode ser definida apenas a partir da intensidade e frequência das precipitações, mas envolve uma articulação entre fatores naturais e humanos: a estiagem só se transforma em seca quando a ela se associa o fantasma da inanição”. É com esse pensamento que discutiremos os processos que envolvem a diáspora retratada por Rachel de Queiroz, uma vez que é uma das principais críticas do romance ao Estado.

Em 1930, antes mesmo de completar seus 20 anos, Rachel de Queiroz publicou o que viria a ser uma das maiores obras da literatura brasileira de todos os tempos, *O Quinze*, e que rapidamente despertou o interesse de grandes autores contemporâneos a ela. Seu sucesso, obviamente, não foi efêmero, pois, após essa publicação, lançou também: *Caminho de pedras* (1937), *As três marias* (1939), *Dôra*, *Doralina* (1975) e muito mais.

É fundamental relevar que Rachel de Queiroz foi a primeira escritora a integrar a Academia Brasileira de Letras, em 1977. Seu falecimento ocorreu em 4 de novembro de 2003, aos 92 anos. A escritora deixou seu legado na história do Brasil, uma marca que vai muito além de uma grande escritora, jornalista, tradutora e cronista, mas a herança intelectual de uma mulher que deixou seu nome gravado na história da elite do pensamento intelectual brasileiro.

A obra aqui analisada, *O Quinze*, retrata o processo de migração forçada de milhares de nordestinos que se viram em situação de calamidade com a chegada de uma grande e

histórica seca. Em 1915, com a ausência de chuvas, a vida no interior do Ceará deixou a prosperidade e acolheu a miséria e a fome extremas. Os animais desfalecendo, a cozinha antes farta, agora encontra-se em degradação e escassez. Os sorrisos foram aos poucos sumindo dos rostos.

De maneira simples e objetiva, Rachel de Queiroz discorre sobre esse grande movimento de retirantes em busca da terra desejada, do solo fértil. Tendo a família de Chico Bento como um exemplo dos muitos que tomaram a mesma decisão de deixar seu lar para trás, partindo assim, alimentados pela esperança e guiados pelo mesmo sol que tortura seus corpos, rumo à algum lugar ignoto. Pois, embora tivessem como destino, Fortaleza, a capital, essa, só poderia ser imaginada, logo, a capital era vista como sinônimo de acolhimento e salvação.

Ao longo de sua obra, a autora denuncia aspectos relevantes que alimentam essa pesquisa. Por seu talento nato, ela detalha com clareza os processos diaspóricos que permeiam a realidade dos que por ela são retratados. Desse modo, discorreremos, primeiro, sobre os processos diaspóricos impulsionados pela seca, em seguida, o foco será o exílio que está intrinsecamente ligado com a diáspora e, por fim, discutiremos sobre o apego a terra, o sonho com a “terra prometida”.

2. Os processos diaspóricos em O Quinze

O romance se inicia com a decisão de partida de Chico Bento e sua família, que, devido à falta de condições de sustento, vagam rumo ao desconhecido, em busca da terra prometida. As lembranças da mesa farta, da água abundante e da chuva que enchia os rios e também os seus corações de esperança e felicidade, se deparam agora com a imagem de cadáveres de animais ao relento, riachos secos e estômagos vazios. Todo esse sentimento de nostalgia e melancolia faziam contraste com a cruel realidade ao qual estavam no presente momento sob custódia.

É importante esclarecer, que muitos flagelados da seca, uniam-se, caracterizando esse êxodo rural, com intuito de romper as próprias fronteiras territoriais, sintetizando, em sua visão, a capital não como destino final, salvação, mas, como uma maior e melhor oportunidade de alimentar sua predestinação, e seguir migrando para outras regiões do País, nesse caso, ir rumo ao Norte ou ao Sul, pois, existia a esperança de prosperar com a extração de borracha e/ou conseguir um emprego na grande São Paulo.

A amargura e a agonia da incerteza, a esperança da chuva misturava-se com o medo do amanhã, a responsabilidade de alimentar uma família estava sob os ombros do vaqueiro Chico Bento, que, sem outras opções teve de vender os poucos animais que tinha por um preço miserável, em prol de adquirir algum dinheiro para uma viagem que, temperada de dificuldades, seria praticamente uma sentença de morte. O fato de seus bens não serem sinônimos de uma boa quantia de dinheiro não pode passar despercebido, pois esse fato já nos mostra a desigualdade e a indecência dos oportunistas em tempos de crise.

Vemos aqui, de início, um exemplo, bem comum por sinal, de diáspora, que pode ser entendido de maneira bem geral, como a migração forçada, ou não, de um determinado grupo ou povo, o deslocamento pode ocorrer por diversos motivos, seja étnico, político, social, econômico, causas naturais e etc.

O conceito fechado de diáspora se apoia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um “outro” e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora. [...] A diferença, sabemos, é essencial ao significado, e o significado é crucial à cultura. (HALL, 1999, p. 33).

De modo introdutório, já é possível ter-se a ideia da complexidade que envolve a questão da diáspora, pois essa, não é um simples evento que ocorre por si só e/ou por causas comuns, mas sim, uma série de fatos que funcionam como impulsionadores e que alimentam esse sistema migratório. Vale destacar que, de acordo com o exposto acima, a diáspora está intimamente relacionada com fatores políticos, uma vez que abrange problemas como por exemplo, segregatórios, econômicos, sociais, culturais, etc. A palavra diáspora sugere redes de relações reais ou imaginadas entre povos dispersos, cuja comunidade é sustentada por múltiplos contatos e comunicações que incluem a família. Como salienta Brah (2011, pg. 26):

«Hogar» aquí tiene connotaciones de redes familiares, de parentesco, de amigos, colegas y otros. Hace referencia a la geografía física y social que se experimenta en términos de vecindario o ciudad natal. Es decir, una comunidad «imaginada» principalmente a través del encuentro diario. Este «hogar» es un lugar que sigue ligado a nosotros incluso en momentos de intensa alienación del mismo. Es el sentimiento de «sentirse en casa».

Consoante com Dimenstein (2005), que afirma que o Nordeste embora possua terras férteis, ainda assim, vive na miséria por conta da seca, contudo, o problema não é o clima, mas, os governos. E é justamente esse o "x" da questão. Sabemos que a seca é um evento

natural que assola a humanidade desde a sua origem, em diferentes regiões e intensidades, nesse caso, o que provoca essa diáspora que Rachel denuncia, é a mais pura negligência governamental em relação aos seus “filhos”.

Nesse caminho, Stuart Hall, nos leva a refletir de forma bem mais teórica o conceito de Diáspora. Em sua obra: *Da Diáspora: identidade e mediações culturais*, o Sociólogo vai, a partir da análise da migração caribenha para a Grã-Bretanha, realizar um estudo sobre o processo diaspórico que envolve o povo caribenho, posteriormente, investigar as relações de pertencimento ao lar, como por exemplo, quando ele anuncia a seguinte pergunta: “como imaginar sua relação com a terra de origem, a natureza de seu ‘pertencimento’”? (HALL, 1999, p. 26)

Mais do que isso, o autor também traz à tona a questão do multiculturalismo, que é resultado do sincretismo de diversas culturas. Trazendo para o nosso foco de debate, a reflexão sobre a relação com a terra de origem e também sobre esse multiculturalismo, nos permite discorrer com mais amparo no que diz respeito à diáspora, pois, a partir do momento em que milhares de retirantes, com seus hábitos, padrões de comportamento, de higiene, com sua tradição, passam a habitar um meio totalmente novo e, conseqüentemente diferente, existe ali um estranhamento.

E provavelmente nasce aqui mais um problema para “os indesejados”. Uma vez que além da importância de um indivíduo manter-se alimentado e hidratado, ainda deveria manter-se firme em sua própria cultura, em seu entendimento de mundo, pois, um dos processos exercidos pelo Estado é justamente esse de aculturação, ou seja, provocar no flagelado, um desgarramento dos seus costumes, de tudo o que acreditava que fosse o correto, o natural. De acordo com Rios (2001, p. 73).

Convencer os flagelados a seguir os novos códigos de conduta não era tarefa fácil. As vítimas da seca negavam-se, muitas vezes, ao 'adestramento'. De várias formas, rebelavam-se contra o poder administrativo dos Campos de Concentração ou de outros locais de controle de flagelo.

Não estamos tratando aqui de culturas tão distintas assim como as retratadas por Hall, mas, de acordo com o texto, onde em um dado momento o conceito de nação é lançado a discussão: “As nações, sugere Benedict Anderson, não são apenas entidades políticas soberanas, mas ‘comunidades imaginadas’”. (HALL, 1999, p. 26). Nesse sentido, pensar na

nação enquanto “comunidade imaginada”, nos possibilita afirmar uma certa disparidade cultural entre os migrantes e os moradores da capital.

Disparidade, sim, uma vez que viviam realidades diferentes. Em 1915, assim como em outras históricas secas, tal qual a de 1877, o retirante era presságio de crise, e a elite, com seus processos cada vez mais dedicados à modernização, não era a favor do acolhimento desses indivíduos. Por esse motivo, foram criados os Campos de Concentração¹, bem mais consolidados que o da seca anterior, mas com os mesmos propósitos, afastar os retirantes de suas proximidades.

Vivendo realidades diferentes, e embasando-nos na lógica de Hall, ambos, retirantes e elite, habitavam em “nações” diferentes, ou melhor, constituíam-nas. Isso justifica o porquê desse estranhamento que foi mencionado acima, ter ocorrido. E eram padrões de vida tão distintos, fruto de uma desigualdade de classes, sim, a mesma que promove esses deslocamentos em massa, a mesma que alimenta um sistema de estratificação social.

A cultura não é um elemento definitivo e/ou concretizado, é maleável, por isso é tão sensível. Ela se transforma e se adapta conforme sofre interferência, ouso dizer que é o resultado de vivências, de processos. É por esse motivo que culturas diferentes podem carregar traços semelhantes, do mesmo modo que a capital conseguiu implementar novos padrões de comportamentos naqueles que a seu controle estavam. Mas isso não quer dizer que o contrário também não tenha acontecido.

Dessa forma, pode-se entender a não aceitação dessa instituição de poder, desses novos hábitos e costumes, em outras leituras que tratam da realidade nos Campos de Concentração no Ceará, é possível compreender melhor esses processos, no entanto, devemos almejar O Quinze como material principal e roteiro a ser seguido. De acordo com Hall (1999, p. 35): “em qualquer caso, as culturas sempre se recusaram a ser perfeitamente encurraladas dentro das fronteiras nacionais. Elas transgridem os limites políticos”.

Esse pensamento nos ajuda a entender melhor tamanha resistência dos retirantes em manter a sua própria identidade. Adiante, veremos um pouco sobre a relação entre identidade e diáspora, mas, podemos inferir que, ao atingir a identidade de um certo indivíduo, o agressor

¹ Nessa análise, o conceito de “Campo de Concentração”, referente aos abarracamentos do Governo em períodos de grandes secas, tinha como intuito o impedimento da chegada dos muitos retirantes à capital. Desse modo, eram barrados e alojados em grandes concentrações montadas em regiões estratégicas, para não permitir que os indesejados tivessem quaisquer contatos com a elite imaculada. Rios (2001, p. 68), afirma: P.68 - Outro aspecto relevante é o nome com o qual os flagelados batizaram os Campos de Concentração. Chamavam de **curral do governo**. Na vivência do mundo rural, o sertanejo sabe que o gado precisa ser encurralado para não fugir. O curral é uma prisão. Mais que isso: é uma prisão de animais. O campo não era, portanto, um lugar para gente. Era uma prisão que tratava os seres humanos como bichos. Na memória de muitos sertanejos, o curral foi mais um caso que explicitava a forma cruel pela qual o governo costumava, e ainda costuma, assistir os despossuídos.

compromete também, a sua autonomia moral, em outras palavras, é uma espécie de “domesticação”, que ocorre principalmente de maneira psicológica, de dentro para fora. Segundo Hall (1999, p. 28):

[...] o que a experiência da diáspora causa a nossos modelos de identidade cultural? Como podemos conceber ou imaginar a identidade, a diferença e o pertencimento, após a diáspora? Já que a “identidade cultural” carrega consigo tantos traços de unidade essencial, unicidade primordial, indivisibilidade e mesmice, como devemos “pensar” as identidades inscritas nas relações de poder, construídas pela diferença, e disjuntura? [...] Essencialmente, presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior. É impermeável a algo tão ‘mundano’, secular e superficial quanto uma mudança temporária de nosso local de residência”.

Diáspora e Identidade estão de fato correlacionadas. Do mesmo modo que o que foi discutido aqui, trata-se também de uma espécie de transculturação e como esses processos estão alinhados à questão do exílio, que será abordado em sequência. Ou seja, é uma teia complexa e cíclica de sistemas e eventos que se auto alimentam. Por fim, adentrando no campo do exílio, reforçamos pensamentos já consolidados e abriremos os olhos para mais pontos a serem discutidos.

3 – Formas de exílio no romance O Quinze

O termo “exílio” pode ser substituído por expulsão de seu próprio lar, de sua terra natal, conseqüentemente, impossibilitado de retornar. Os motivos causadores desse fenômeno são tão diversos quanto o da diáspora, por isso que exílio e diáspora estão intrinsecamente relacionados, com características similares, mas que não podem ser confundidos. É importante também não nos prendermos a entendimentos superficiais.

Chango Illánéz, em sua obra: *Exílio e insílio: um olhar sobre San Juan* (2005), vai discorrer a respeito do exílio e insílio, esse último por sua vez, se refere à uma espécie de exílio dentro de sua própria terra, na sua própria cultura, ou seja, um exílio dentro de si próprio. O autor argumenta sobre como o insílio está intrinsecamente ligado ao sistema político de San Juan, o quanto essa concepção os permeia e os sufoca.

De acordo com Edward Said (2003, p. 60), “o exílio baseia-se na existência do amor pela terra natal e nos laços que nos ligam a ela — o que é verdade para todo exílio não é a

perda da pátria e do amor à pátria, mas que a perda é inerente à própria existência de ambos”. Nesse sentido, a relação dos retirantes com seu lugar de origem não pode ser entendida apenas como um elo de subsistência, como a dependência das terras para cultivo ou trato dos animais. Esse vínculo encontra-se muito mais íntimo, a terra, além de um valor físico, possui também, um valor emocional. O exílio, por sua vez, provoca um rompimento e quebra de sentimentos, a dor da partida, ou melhor, a dor da perda.

Ou seja, também é aceitável validar a existência desse fenômeno, inclusive nos movimentos migratórios presentes em *O Quinze*, onde, em diversos momentos os personagens recordam sua terra, seus pertences, enfim, a sua vida. Momentos que se transformaram em lembranças e que agora só podem ser revisitados em seus corações. O exílio surge, então, como um modo de preservar a própria identidade.

O exílio é uma identidade expansiva porque é uma memória liberada, ainda que mediada pela nostalgia (nostos em grego significa estar longe da pátria). É uma memória longa e substancial, mas difícil de transmitir porque os ouvidos são quase incompatíveis. O exílio não é um êxodo, não é uma diáspora. (Illánz, 2006, p. 01).

Isso nos remete ao pensamento de que exílio não é apenas um processo de êxodo, de mudança, de transição. Exílio é, antes de tudo, um processo de repressão, de ataque à liberdade e mais, um ataque à autonomia moral, que pode ser a de algum indivíduo em particular, como também, de um grupo, uma comunidade, uma região, o que o caracteriza, como um sistema de censura e opressão.

Ao mesmo tempo, exílio caracteriza-se também, por ser não apenas uma espécie de movimento, mas um destino, ou seja, exílio pode ser ainda um determinado espaço ou ambiente. É importante entendermos esse conceito com base em outros autores, para que possamos compreender o exílio presente na obra de Rachel de Queiroz, que se apresenta de modo explícito em várias passagens do livro, mas que está embasada na obra como um todo.

Agora, ao Chico Bento, como único recurso, só restava arribar. Sem legume, sem serviço, sem meios de nenhuma espécie, não havia de ficar morrendo de fome, enquanto a seca durasse. [...] A voz lenta e cansada vibrava, erguia-se, parecia outra, abarcando projetos e ambições. E a imaginação esperançosa aplanava as estradas difíceis, esquecia saudades, fome e angústias, penetrava na sombra verde do Amazonas, vencida a natureza bruta, dominava as feras e as visagens, fazia dele rico e vencedor. (Queiroz, 1930, p. 21).

Neste trecho retirado da obra, vemos a esperança contrastando-se com a angústia da partida, o medo de partir é nítido, ainda mais quando a incerteza se mostra como a única certeza. Não se sabe quando as chuvas virão, não se sabe se conseguirão chegar à capital, não se sabe se todos irão chegar bem, o futuro, mais do que nunca, é imprevisível. Nessa passagem, Rachel de Queiroz consegue transmitir ao leitor, o mesmo frenesi que os personagens sentem.

Um dos pontos principais dessa literatura, obviamente, trata do exílio. Milhares de pessoas encontrando-se em calamitosa situação, partem rumo a capital, diferentemente de secas anteriores, nesse período, estradas de ferro já cortavam os sertões. O problema agora, seria conseguir passagens, sendo essas, um privilégio daqueles que mais detinham recursos financeiros, o que certamente não era o caso de Chico Bento e a maioria dos retirantes, o que lhes restava, assim, era prosseguir a pé.

Aprofundando-se na obra de Rachel de Queiroz, e em projetos que também têm como foco, a seca, podemos imaginar a seguinte situação a partir da respectiva concepção:

Assim, o nordestino seria, antes de tudo, um retirante, alguém que estaria fugindo de uma mãe terra malvada e hostil, um filho rejeitado, incapaz de sobreviver mesmo no seu torrão natal, um flagelado à procura de exílio. Ao mesmo tempo, seria alguém perigosamente esperto e preguiçoso, pois “sugava” parte considerável das verbas governamentais, custeadas pelos moradores de outras regiões, e, em sua maior parte, desviadas pelas elites regionais e locais nordestinas para seus empreendimentos particulares e para suprir suas necessidades individuais. (MATOS, 2012, p. 5).

Como exposto acima, existe uma certa disparidade no que diz respeito ao entendimento do nordestino enquanto retirante, esse, aparecendo como uma figura sofredora ao mesmo tempo que é suspeita de oportunismo, vítima e ameaça de forma simultânea. Existe também um discurso de cunho determinista quando se infere que o nordestino é um símbolo fadado à migração, como se fosse literalmente, parte de seu destino. De acordo com Muniz (1999), o nordestino passa a representar tudo aquilo que não tem valor, tudo aquilo caminha para a degradação social, cultural e humana. Daí a emergência de um ser em movimento: retirante.

O exílio presente em *O Quinze*, apresenta-se nos diálogos dos personagens, que em tons de sofrimento e melancolia, anseiam pelo dia do retorno. Mostra-se também, na trajetória percorrida pela família de Chico Bento, que por sinal, deparam-se com mazelas provocadas pela seca, mas que se mostra também pela partida de Conceição e sua avó, que por possuírem melhores condições, viajam de trem.

Ambos, Chico Bento e Conceição, são lados opostos de uma mesma moeda, representam os dois polos sociais da vida, mesmo não havendo uma diferença financeiramente gritante entre os dois. Enquanto o vaqueiro representa os despossuídos, os mais simples trabalhadores que se apresentam muitas vezes como subalternos, Conceição e sua avó, por sua vez, refletem a luz da posse, ou seja, os donos de terras, comerciantes, fazendeiros, enfim, os que detêm melhores condições aquisitivas.

Por se tratar de uma mesma moeda, ambos sofrem consequências, uns mais do que outros, certamente, mas o exílio mostra-se presente em todas as camadas sociais. A implacável seca, que alimentada pela má gestão governamental, ademais com a corrupção de muitos acabam por unir forças e flagelar de baixo para cima, atacando primeiramente, os mais vulneráveis. Agora, vejamos o que Edward Said tem a dizer sobre o conceito de exílio:

Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heróicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre. (Said, 2003, p. 54)

Linear ao pensamento de Said, as questões que envolvem o exílio, são "amenizadas" através de um ponto de vista mais romântico, ou seja, não são tratadas com a seriedade que deveriam. Como por exemplo, quando existe a ideia de que o nordestino é um homem forte e resiliente, por trás desse elogio existe uma triste e, muitas vezes, não contada trajetória de sofrimento. Sintetizando, o fato de o nordestino ser forte, mascara o fato de ele estar sujeito a eventuais catástrofes naturais e sociais. Isso quer dizer que sua força é produto de sucessivas crises a ele acometidas.

Outro trecho bastante necessário a ser debatido, e que possibilita uma importante reflexão acerca da problemática do exílio é: "Ver um poeta no exílio — ao contrário de ler a poesia do exílio — é ver as antinomias do exílio encarnadas e suportadas com uma intensidade sem par. (Said, 2003, p. 54). Essa pequena passagem retirada da obra de Said já nos diz muito sobre como o exílio é, e também, como deve ser entendido. O que o autor sugere é simplesmente um olhar mais aprofundado, que transpasse o superficial, o que é exposto cotidianamente, e assim, dê lugar e oportunidade para uma análise mais real.

Ou seja, a partir do momento que, segundo o autor, "vemos um poeta no exílio", além de verdadeiramente entender o sentido de suas palavras, de sua poesia, podemos enxergar também um novo ponto de vista, como por exemplo, a sua própria situação de exílio.

Ademais, a citação se mostra eficaz, uma vez que o foco de nosso estudo é uma literatura romanesca que por sinal, abrange também, a saga dos exilados.

E assim como já fora citado os motivos do exílio de Chico Bento e sua família, que representam os muitos assim como eles, Hall vai expressar, a partir de seu ponto de vista as principais causas que originam o exílio, vejamos como os pontos são semelhantes:

A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades - os legados do Império em toda parte - podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento - a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor. (HALL, 1999, p. 28)

Após a tentativa de explicar os fenômenos causadores dessa espécie de êxodo, atente-se ao que o autor conceitua de “retorno redentor”, nesse caso, como podemos caracterizá-lo? O que constitui esse retorno? Quais são suas principais características e, principalmente, o que leva os retirantes a retornar? São com essas indagações que fazemos uma certa analogia com a “terra prometida”, uma jornada bíblica de um povo que tenta retomar um espaço que por direito é seu após serem expulsos.

4 - Em busca da “terra prometida”

Ao finalmente alcançar a cidade grande, o objetivo de Chico Bento e sua família, ou o que sobrou dela, pois, com a morte de um filho, o desaparecimento de outro, o que restava daquele casal era apenas uma pobre criança de colo, Manoel, carinhosamente chamado pelos irmãos de Duquinha, tão magro, tão sofrido, que cheirava a morte e a mais pura miséria. Há uma certa contradição nesse caso, o mais fraco, conseguiu, por sorte ou obra de Deus, prevalecer.

No desfecho do romance de Rachel de Queiroz, Chico Bento e sua esposa, optam por migrar para São Paulo, deixando evidente a ideia do “exterior” como algo bom, o “de fora” sempre sendo melhor que o “de dentro”. O nordestino está presente por todo o país e teve papel fundamental no erguimento de nossa nação, embora ainda seja menosprezado e pouco reconhecido, sua mão de obra tão essencial, fora movida por pura necessidade.

Na verdade, a ideia de viajar para o Sudeste do país, sempre esteve nos planos do vaqueiro. Isso infere que, mesmo nas áreas mais remotas do interior nordestino, as notícias do desenvolvimento industrial e avanço tecnológico de São Paulo também rondavam a região,

desse modo, alimentando crenças que nutriam a ideia da migração enquanto sinônimo de salvação ou, ao menos, melhores condições de vida, de subsistência. Chico Bento se faz como representação dos inúmeros desconhecidos que embarcaram nessa aventura perigosa.

Dessa forma, a escassez e a miséria não apenas se reterritorializam, como também se tornam mais complexas: a migração provoca perdas culturais e familiares irreparáveis, e desagregam os núcleos sociais mais básicos (família e comunidade), unidos por fortes vínculos históricos de natureza afetiva e política, diluindo-os e reordenando-os em novos arranjos sociais, comunidades notadamente artificiais, cuja história e identidade residem no fato de seus integrantes unirem-se para compartilhar o estado de necessidade quase-absoluto em que vivem. (MATOS, 2012, p. 04).

Conforme o pensamento do autor citado acima, podemos reforçar a ideia de como esses processos migratórios acabam por interferir nas formações e relações dos laços familiares, e não apenas nesse espaço, mas também, na comunidade como um todo. Entretanto, sou contrário à convicção de “perda cultural” mencionado anteriormente, acredito que possa se tratar mais de uma espécie de “sincretismo cultural”, pois, a partir do momento que uma identidade se encontra em um novo ambiente até então desconhecido, ela tende a absorver as características do local, mas é importante considerar que o inverso também acontece, ou seja, essa identidade também influencia o próprio ambiente em que se situa.

A cultura é uma produção. [...], mas o que esse ‘desvio através de seus passados’ faz é nos capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos. Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. [...] estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar. (HALL, 1999, p. 44)

Sendo cultura uma produção, pode-se supor que não é algo definido, mas que se molda com o passar do tempo e, principalmente, com as experiências. Esse pensamento faz bastante sentido e ainda é reforçado quando o autor infere que estamos sempre em processo de “formação cultural”. E além de uma constante formação, estamos também, em uma permanente (re)formação à medida que nossos relacionamentos podem ser desenvolvidos.

Portanto, esses desenvolvimentos têm total relação com o local de origem, pois é a partir de um ponto de referência que é possível novas ramificações culturais. Desse modo, Hall argumenta sobre a relação com a terra natal, a importância que possui esse “cordão umbilical” que une - ou prende - o indivíduo ao território e, a partir da sua fuga, da sua saída

deste local, como esse fenômeno pode gerar consequência mútuas, tanto para quem fica, quanto para quem sai.

É fundamental também, analisarmos esse possível retorno, como de fato ocorreu. Após o Estado declarar o fim da seca e, a experiência e a crença dos mais velhos confirmarem, muitos retirantes voltavam a suas antigas regiões com a esperança de um novo recomeço em seu mesmo território. A questão a ser debatida agora, é sobre as consequências desse retorno e suas dificuldades, pois, acredito que seja de conhecimento de maioria que aqueles homens e mulheres já não seriam os mesmos.

Portanto, Stuart Hall, tendo como exemplo a sua pesquisa sobre os povos caribenhos que, após retornarem da Grã-Bretanha, sentiram um estranhamento na tentativa de se conectar novamente à terra de origem. As novas experiências culturais agem na própria cultura do migrante, remodelando seus pensamentos e seus conceitos, questionando suas crenças, modificando seus costumes. É com essa noção de mudança que buscamos entender esse elo rompido.

Os entrevistados de Mary Chamberlain também falam eloquentemente da dificuldade sentida por muitos dos que retornaram em se religar a suas sociedades de origem. Muitos sentem falta dos ritmos de vida cosmopolita com os quais tinham se aclimatado. Muitos sentem que a ‘terra’ tornou-se irreconhecível. Em contrapartida, são vistos como se os elos naturais e espontâneos que antes possuíam tivessem sido interrompidos por suas experiências diaspóricas. Sentem-se felizes por estar em casa. Mas a história, de alguma forma, interveio irrevogavelmente. (HALL, 1999, p. 27).

Dessa forma, retornando ao contexto de nossa pesquisa, uma vez que um grupo de retirantes retornam a seu antigo lar, que fora outrora deixado para trás de modo repentino, forçado pelo perigo iminente, encontra-se agora, diante de uma nova experiência, em uma tentativa de se religar ou reconectar a seu bom e velho ambiente. E como sabemos que as experiências culturais moldam a todo instante o ser humano e suas relações sociais é compreensível e natural que essa esperança de “reconexão” seja mais delicada que o esperado.

5 - Considerações finais

O romance de Rachel de Queiroz, *O Quinze*, de modo simples e ao mesmo tempo crítico, escancara aos nossos olhos os desafios enfrentados pelos nordestinos em relação à

seca e o descaso de seus governantes, ambos já recorrentes em sua história. E mesmo tendo passado cem anos dessa histórica seca, ao que parece, não mudou muita coisa pois, a desigualdade social continua se sobressaindo às relações humanas.

E, apropriando-se das tão cruéis estiagens sazonais, usufruindo-se de seu talento e, com tons de denúncia imbuídos em discursos romanescos, a autora discorre sobre a problemática principal de sua obra que não é a seca em si, mas os vínculos humanos que por ela são moldados, sendo mais específico, nas crises humanitárias resultantes da seca somados a negligência governamental, tendo como produto as hordas de retirantes rumo às grandes cidades.

Esse fenômeno de migração em massa pode ser entendido como diáspora, que se caracteriza por não se prender apenas a uma mudança de localização geográfica, mas que envolve diversas questões, como a identidade, as relações de pertencimento, o apego ao lar, e também ao exílio. Os fenômenos diaspóricos, que foram trabalhados nessa pesquisa, inclusive com o apoio de autores renomados, têm como intuito, buscar entender esses deslocamentos em massa, a partir de uma visão mais técnica e aprofundada, pois, são eventos que não podem ser assimilados de maneira superficial.

A questão do exílio, por sua vez, é caracterizada por também se tratar de uma reterritorialização, mas que não pode ser confundido com diáspora. Ele está mais associado ao degredo, há uma punição, o que também é o caso dos retirantes retratados por Rachel de Queiroz, que em inúmeras situações transpassam ao leitor, o sofrimento e aflição que eles sentem, mesmo de modo natural, sem exageros nem uso de uma linguagem mais agressiva e/ou dramática.

O último ponto discutido aqui, diz sobre a busca pela “terra prometida”. Esse termo tem como origem a saga hebraica que, ansiando por seu território, uma vez designado por Deus, partem rumo a sua terra. Em nossa pesquisa, essa referência foi utilizada para dar sentido à migração dos milhares de homens e mulheres impulsionados pela grande seca de 1915. Vale salientar, que essa busca pode ser entendida também como ideia, ou seja, essa “terra prometida”, provavelmente não possui uma localização específica, é, portanto, apenas uma região onde sintam-se bem, onde possam recuperar a própria dignidade, a própria humanidade.

Por fim, o livro romanescos mostra-se um tanto quanto inovador e revolucionário à medida que denuncia e critica as barbáries enfrentadas pelos flagelados, ferindo sua honra, manchando sua história. Uma literatura direta, sem desvios ou eufemismos, palavras que refletem a realidade tal qual ela é. E, mesmo após décadas de sua publicação, a obra continua

atual, principalmente no que diz respeito ao modo como as políticas públicas são direcionadas à região Nordeste.

6 – Bibliografia

ARAÚJO, Adriana de Fátima Barbosa. **Migrantes nordestinos na literatura brasileira**. Rio de Janeiro. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2006.

BRAH, A. **Cartografías de la diáspora**. Identidades en cuestión. Traducción: Sergio Ojeda. edición Traficantes de Sueños, 2011

CARVALHO, Marina Lins de; KLEIN, Helena; JUNIOR, Celso Athayde; BRAVO, Z. B. Raissa; LEIRAS, Adriana. A seca no Nordeste do Brasil: Um estudo sobre as principais políticas públicas e métodos de previsão. **II Congresso Brasileiro de Redução de Riscos e Desastres**. Rio de Janeiro. 2017.

FANON, F. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

HALL, S. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**: Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

ILLÁNEZ, Chango. “Exílio e insilio. Una mirada sobre San Juan, su universidad y las herencias del proceso”. **Revista de la UNSJ**, 2006.

MATOS, Marcos Paulo Santa Rosa. Famílias desagregadas sobre a terra ressequida: indústria da seca e deslocamentos familiares no Nordeste do Brasil. **Nômadias. Revista Crítica de Ciências Sociais e Jurídicas**, 2012

MONTEBELLO, N. M. e SILVA, M. M. Retirantes flagelados no Ceará da seca:(bio)políticas populacionais na consolidação do Estado moderno. **Conhecer: debate entre o público e o privado**. Nº 21. 2018.

MUNIZ, D. **A invenção do Nordeste e outras culturas**. São Paulo: Cortez, 1999.

QUEIROZ, R. **O Quinze**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

RIOS, Kênia Sousa. **Campos de concentração no Ceará: Isolamento e poder na seca de 1932**. Fortaleza: Museu do Ceará. Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará. 2001

SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios: Reflexões sobre o exílio**. São Paulo: Companhia das letras, 2003. p. 46-60.

TRAVASSOS, Ibrahim Soares; SOUZA, Bartolomeu Israel de; SILVA, Anieres Barbosa da. Secas, desertificação e políticas públicas no semiárido nordestino brasileiro. João Pessoa: Revista **OKARA**.

